



Charles Fourier.



Caricatura contemporânea da humanidade futura.

Até no interior das cidades e dos burgos, dentro da igualdade cívica mais ampla, em parte alguma, na antiguidade, desapareceu a distinção fundamental entre homens livres e escravos e que desde o princípio deixara completamente privada de direitos a maior parte da população.

Em Esparta, a tão presada igualdade limita-se simplesmente aos membros dum verdadeiro clube de fidalgos. Extremamente diminuto é o número dos "espartanos" com plenos direitos, comparado com o dos mêtecas excluídos de qualquer participação nos negócios políticos e ao dos ilotas escravizados, condenados a servir de alvo nos exercícios de tiro dos jovens espartanos e de caça nas suas atividades cinegéticas.

Na Atenas enriquecida de Péricles, ao lado de vinte mil cidadãos, encontramos quatrocentos mil escravos que não passam de instrumentos de trabalho, de meros utensílios animados. Conforme a necessidade, são empregados nas minas de prata, nos campos ou em casa, a ganhar dinheiro para o seu senhor e assegurar-lhe o conforto duma existência de ócios.

Em Roma, a proporção numérica é tão desigual, que o Senado não se atreve a prescrever um traje especial para os escravos, temendo que, neste caso, podessem vir a ter consciência de sua incrível supremacia numérica.

Com uma objetividade e precisão verdadeiramente jurídicas, o direito romano define o escravo como um ser que "não tem cabeça" — "nullum caput habet". Civilmente, é, assim, contado entre os mortos. Destarte, não tem o escravo o direito de possuir coisa alguma, de herdar coisa alguma, de nada transmitir por herança, de casar, nem mesmo de exercer direitos paternos sobre os próprios filhos.

Essa degradação do homem, que o torna uma coisa destituida de personalidade e que, em grande parte, atinge a pessoas da mesma raça, da mesma tez, da mesma língua e da mesma educação, constitue, em toda a antiguidade, uma instituição sagrada, sancionada pelos costumes e pela tradição. Restabece-se apenas uma ilusória igualdade mítica na ebriedade e folganças da alegria báquica, na mascarada solene das festas dionisiacas e das saturnais. Somente na materialidade da vida, na natureza sensual comum a todos, é que vemos abolida essa hierarquia imposta pela condição, pela fortuna, pela dignidade e pelo direito.

A festa popular romana das Saturnais permite aos escravos, uma vez por ano, por alguns dias, o uso da toga e do chapéu oval, marcas distintivas duma origem livre. Nesta ocasião, uma refeição em comum os reúne aos senhores. Todos, sem diferença de condição, se servem mutuamente, em fraternal igualdade. Sagrada é a liberdade da palavra. Os escravos, porém, gozam desses direitos somente enquanto a estátua do Deus no templo de Saturno estiver livre das peias que lhe acorrentam os pés. No fim das saturnais, os sacerdotes tor-